



FOTOGRAFIA COMO RECURSO DE ESTUDO DO RELEVO

Denis Rocha Calazans
denisrc1@yahoo.com.br

Gabriel Londres Arlota
glarlota@gmail.com

Lucas Matheus Feitosa Santos
lucassesial@gmail.com

RESUMO

O processo de ensino-aprendizagem deve favorecer a interação entre professor, aluno e o objeto do conhecimento que se quer trabalhar. Nesse sentido, é preciso estimular os alunos a colocarem em prática, no seu dia a dia, o uso do conhecimento adquirido, para que esse se torne significativo, causando mudança positiva na sua relação com o aprendizado. Assim, este trabalho, desenvolvido a partir das ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência Geografia (PIBID Geografia), aborda o uso da fotografia como elemento de interação com o espaço geográfico e de registro da paisagem, enfatizando o reconhecimento das formas de relevo e dos elementos exógenos que o modificam. O trabalho foi desenvolvido em três turmas do primeiro ano do Ensino Médio Integrado de uma escola pública da cidade de Maceió, estado de Alagoas. Os alunos foram divididos em grupos, orientados e estimulados a registrar, através de fotografias, as formas de relevo e os processos de erosão e intemperismo encontrados no trajeto de suas casas até a escola ou em áreas frequentadas por eles. Cada grupo montou uma apresentação das imagens e socializou o trabalho em sala de aula, fazendo a identificação do tipo de relevo ou agente exógeno registrado. As formas de relevo identificadas nas apresentações foram analisadas e comentadas por todos, buscando corrigir eventuais equívocos de análise e interpretação. O resultado do trabalho mostrou que os alunos conseguiram fazer corretamente a maior parte das identificações dos elementos registrados, demonstrando a aplicação do conhecimento estudado na realidade. Além disso, a atividade favoreceu o trabalho em equipe e o desenvolvimento da observação da paisagem, aspecto citado por alguns alunos como algo que eles não se davam conta de que existia no seu caminho de casa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia. Relevo. Fotografia.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos uma sociedade centrada na imagem, no ver para crer, no registrar para provar. Esse uso da imagem, em boa medida, exagerado, só foi possível graças às novas tecnologias de comunicação e informação, destacadamente o celular e a internet. Há, nesse sentido, um estímulo contínuo ao registro de todos os afazeres cotidianos e de sua divulgação nas mídias sociais. Essa euforia de publicitar tudo o que se faz é tida por muitos professores como algo negativo, algo

que expõe desmesuradamente a intimidade, causando uma banalização das ações das pessoas e uma desconexão com o meio ambiente que os cerca. Nesse sentido, os jovens se tornam as principais vítimas, pois não possuem, em geral, o senso crítico necessário para perceber os limites da exposição pessoal ou do uso da tecnologia. Em sala de aula, isso se reflete, entre outros problemas, na necessidade de acessar o celular a todo instante, causando desatenção e dificuldade no aprendizado. Por isso, alguns estados brasileiros criaram leis proibindo o uso de celulares em sala de aula, no entanto a história da indústria – com a destruição de máquinas no século XIX – nos mostra que se posicionar contra a tecnologia não é a melhor solução, antes, é preciso aprender a conviver com ela (FANHANI; SABADIN, 2014). Pois, se um dos motivos para a proibição é o de que o celular seria o responsável pela distração dos alunos durante as aulas, o que dizer do lápis e do papel, já que estes também podem distrair o aluno? Quantos alunos ficam desenhando e rabiscando na folha de caderno enquanto o professor está explicando um conteúdo? Sempre houve e haverá alunos distraídos, por isso não podemos apontar um objeto como a única causa das distrações em sala (FANHANI; SABADIN, 2014). É preciso fazer uma análise mais profunda sobre os aspectos gerais da aula: motivação do professor e do aluno; interesse; preparação da aula; capacidade do professor; metodologia etc.

Nesse sentido, também não podemos esquecer o ditado popular que diz que uma imagem fala mais do que mil palavras, pois a força da imagem nos atrai para além do imaginário, superando em força comunicativa as palavras, já que nós, como seres humanos, vemos antes de falar (BERGER, 1999). Assim sendo, as imagens ganham uma importância ainda maior, pois, segundo Iared, Tullio e Oliveira (2012), o uso da fotografia, além de registrar imagens e ser um importante meio para o registro da paisagem, nos fala à memória, auxiliando não só na identificação de elementos da paisagem, mas também na criação de laços afetivos com o meio. Assim, é preciso ter em mente que a modernidade trouxe para dentro da sala de aula uma importante ferramenta de investigação e registro do espaço geográfico, cabendo ao professor descobrir formas de utilizá-la no processo de ensino-aprendizagem.

Um dos desafios dos professores na atualidade é aprender a conviver com a tecnologia, fazer com que ela se torne uma aliada do processo de ensino-

aprendizagem. Utilizar o que se tem à mão para promover o conhecimento é uma prática de muitos professores, pois a falta de recursos, principalmente nas escolas públicas, leva os docentes que realmente levam a sério sua profissão a exercitarem a criatividade, descobrindo ou inventando formas de ensinar, utilizando os materiais de que dispõem. Assim, nada mais óbvio do que utilizar o recurso fotográfico, que hoje está disponível a quase todos os alunos, através dos celulares, como um recurso de aprendizagem. Vale salientar que a fotografia moderna, digital, trouxe a facilidade de armazenamento da imagem, sem a necessidade e o custo da revelação, tornando esse recurso disponível e barato para a população.

Assim, buscou-se desenvolver numa escola pública da cidade de Maceió, estado de Alagoas, através das ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência Geografia (PIBID Geografia), um trabalho que estimulasse o olhar dos alunos de três turmas do primeiro ano do Ensino Médio Integrado a colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula sobre o assunto relevo. O trabalho consistiu em orientar e estimular os alunos a observarem a paisagem das áreas por onde transitam, entre a escola e a residência, ou outras a que eventualmente viessem a ter acesso, e registrar as formas de relevo que lhes chamassem a atenção e também as ações de modificação desse relevo, seja pela natureza, seja pelo homem. Assim, os alunos foram orientados a analisar as imagens e montar uma apresentação em PowerPoint, PDF ou outro aplicativo semelhante, para exibir em sala de aula e socializar com os colegas suas descobertas.

O objetivo dessa atividade foi contribuir com a qualificação do olhar dos alunos para aprimorar a capacidade de observação e o poder de análise de imagens e da paisagem. Essa ação se justifica pela necessidade de formarmos pessoas mais capazes de lidar com a imensa quantidade de imagens a que temos acesso diariamente. Diante dessa realidade, Hofstatter e Oliviera (2015, p. 93) nos questionam “se, perante a quantidade de imagens, estariam os olhares menos qualificados e analíticos para ler o que esses códigos e signos expressam?” Essas preocupações são corroboradas por Santaella e Nöth (2012, p. 76), ao afirmarem que “o que se ganha em democratização, perde-se em especialização”. Nesse sentido, é papel do professor, de qualquer área do conhecimento, contribuir para que os alunos possam desenvolver uma visão analítica e crítica da realidade,

associando o conhecimento adquirido em sala de aula ao mundo que os cerca, auxiliando, dessa maneira, na formação de cidadãos críticos e transformadores da realidade.

2 A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

As transformações do mundo atual exigem uma forma de apreensão do mundo que passa necessariamente pelo uso da tecnologia. A facilidade de se obter e produzir imagens torna as pessoas mais susceptíveis a adquirir conhecimento através desse meio. No entanto, é preciso treinar o olhar, através da aquisição de conhecimentos específicos, para que o uso da imagem seja um aliado no processo de ensino-aprendizagem. Como constata Nogueira (2016), não há como negar a importância da imagem como linguagem visual no mundo contemporâneo, pois ela está presente na vida de quase todos os povos do mundo, desempenhando papel fundamental na leitura e compreensão do mundo, por isso sua utilização pode servir tanto como instrumento de alienação das pessoas como meio de acesso ao conhecimento.

A Geografia pode se utilizar desse recurso como uma excelente ferramenta para auxiliar os alunos a aprimorar a visão sobre o espaço geográfico, tendo em vista que na última década o uso de imagens para se comunicar tem sido um dos principais meios difusores de informação entre eles.

Nesse sentido, cabe ao professor orientar os alunos sobre os riscos e armadilhas que uma imagem pode conter, desde sua superexposição até sua leitura equivocada ou o uso maldoso, através de edições que visam causar mal ao indivíduo. Como nos alerta Nogueira (2016, p. 6), "é sempre importante destacar que uma fotografia não representa a verdade absoluta, mas apenas um ponto de vista, que deve ser complementado com outras fontes de informação para que a leitura crítica do espaço atinja os objetivos esperados". Nesse sentido, é papel do professor, e nesse caso do professor de Geografia, buscar formas de contribuir com o aprimoramento e a especialização do olhar, para que os alunos desenvolvam a capacidade de se posicionar criticamente sobre o que veem e de produzir imagens com uma finalidade construtiva, não apenas expondo algo para atender a uma demanda contínua de novidades descartáveis.

As fotografias são representações de algo que contém em si tema e objetivo, não são neutras ou desprovidas de intencionalidade. Segundo Val e Ferras (2009, p. 4), devemos partir “[...] da premissa de que imagens são ícones carregados de significados, [portanto], que o mundo é imagético e [que] nós temos a vida dirigida por esses textos não verbais que disciplinam, sugerem, mandam, ampliam e organizam a vida em sociedade”. Assim, o processo de ensino-aprendizagem pode se enriquecer com o advento que a tecnologia proporcionou, socializando em praticamente todas as camadas sociais o recurso da fotografia digital. Dessa forma, proporciona a todos que tenham uma câmera ou smartphone a possibilidade de registrar uma paisagem a partir de sua ótica.

As aulas em que o professor admite participações dos alunos, compartilhando seus registros, tornam-se muito mais dinâmicas e interativas, quando comparadas às aulas expositivas que geralmente ocorrem nas salas de aula. Segundo Antônio Filho e Dezan (2014, p.7), “a participação do aluno no coletivo para analisar e criar protocolos de interpretação de fotografias, e principalmente se essas imagens forem produzidas pelos próprios discentes, certamente motivará e despertará seu interesse nas aulas”. Sendo assim, para todos os efeitos, o recurso da fotografia como forma de tornar lúdico e contemporâneo o ensino da Geografia, especialmente no assunto relevo, tem a capacidade de transportar o aluno para a paisagem exposta, observando detalhes dos processos formadores e destruidores das paisagens, fazendo com que o tema tratado seja mais fácil de ser compreendido, principalmente quando o lugar ou a forma não são comuns do cotidiano do discente.

O poder que uma fotografia carrega quando expõe uma paisagem de imponentes montanhas atrelada ao visual frio e gélido do topo de cordilheiras, a altitude de escarpas e desfiladeiros íngremes, a calma de uma planície campestre ou litorânea, entre outros exemplos, carrega em si sentimentos e sensações que os alunos podem captar e assim assimilar de forma mais afetiva o conhecimento, superando em alguns aspectos uma explicação textual ou oral, como lembra Silva (2017, p. 12):

A fotografia é um recurso que contribui para o entendimento dos conceitos que são trabalhados na Geografia, possibilitando que os alunos tenham uma maior compreensão das modificações que ocorrem no espaço geográfico, levando os mesmos a entender as mudanças observadas no decorrer do tempo.

Assim, o uso da fotografia como recurso didático no ensino de Geografia é indispensável para dimensionar o espaço geográfico, dando ao aluno uma noção de espacialidade mais profunda no processo ensino-aprendizagem, trazendo novas percepções do espaço vivido entre os que fazem os registros fotográficos do relevo ao seu redor.

3 ESTIMULANDO O OLHAR FOTOGRÁFICO PARA ENTENDER E PERCEBER O RELEVO

Buscando contribuir com a formação crítica dos alunos, foi proposto a três turmas de primeiro ano de uma escola pública de Maceió, estado de Alagoas, um trabalho de observação da paisagem, identificação de formas de relevo e de agentes transformadores desse relevo. Para preparar os alunos, foi estudado em sala de aula o assunto Relevo e seus agentes formadores e destruidores, além de exercitar a identificação das formas da superfície terrestre. Para que essas aulas servissem de auxílio ao trabalho que seria proposto aos alunos, a identificação das formas da superfície terrestre, utilizou-se uma apresentação em PowerPoint, valendo-se de fotografias reais de cada forma de relevo (Figura 1), mostrando dessa maneira que os alunos poderiam utilizar o olhar, a sensibilidade e o conhecimento técnico para identificar as formas de relevo e a alteração deste, que existem nos locais por onde transitam.

Figura 1 – Alunos do PIBID apresentando as formas de relevo



Fonte: Os autores

A atividade foi dividida em três etapas. Na primeira, o professor abordou o assunto Formas de Relevo através de uma aula expositiva-dialogada com auxílio de um projetor e um computador. Nessa aula, as imagens utilizadas para mostrar as formas de relevo eram todas fotografias, exceto a última, que mostrava, através de desenhos, as formas vistas anteriormente. Essa primeira etapa visou mostrar aos alunos como são as formas reais de relevo e suas representações em desenhos.

A segunda etapa foi propor aos alunos que fizessem o registro fotográfico de formas de relevo que eles encontrassem no caminho da escola até suas casas, como também em outros locais por onde transitassem. Além das formas de relevo, os alunos deveriam registrar também a ação dos agentes exógenos que modificam o relevo. Por fim, os alunos deveriam organizar as imagens em uma apresentação para ser mostrada em sala de aula. Para realizar essa etapa, os alunos foram organizados em grupos, seis em cada sala, totalizando dezoito grupos. Foi pedido que cada aluno fizesse no mínimo cinco registros fotográficos e que, antes da montagem da apresentação, todos os membros da equipe se juntassem para selecionar as imagens que seriam mostradas na sala de aula e fazer a devida identificação das formas e dos agentes exógenos.

A terceira etapa foi a apresentação em sala de aula (Figuras 2 e 3). Cada equipe teve entre oito e dez minutos para fazer sua exposição, seguida de comentários dos colegas, perguntas e esclarecimentos sobre as imagens e as áreas onde foram feitos os registros fotográficos.

Figura 2 e 3 – Alunos apresentando o trabalho de identificação Fotográfica das formas de relevo



Fonte: Os autores

As apresentações foram acompanhadas por perguntas dos alunos e do professor, para que fossem esclarecidos aspectos como: local de ocorrência da

forma de relevo; elementos que levaram o grupo a classificar daquela maneira a forma de relevo; problemas ambientais mostrados em algumas imagens etc. Essa apresentação dialogada visou deixar os alunos mais à vontade, permitindo a troca de ideias e de experiências, evitando um procedimento de apresentação excessivamente formal.

As apresentações mostraram que os alunos redescobriram as paisagens por onde transitam, identificando formas de relevo e lugares que cotidianamente passavam por eles sem que se apercebessem da sua existência. A socialização do trabalho permitiu que alunos que conheciam as áreas retratadas se surpreendessem com as imagens, alguns pela beleza, outros, pelas formas. Essas reações podem ser percebidas nas falas de alguns alunos: “parece que eu estou vendo esse lugar pela primeira vez”; “eu nunca tinha visto isso”; “nem parece que é o caminho que a gente faz até a escola”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho mostrou que o uso da tecnologia pode e deve ser um aliado no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando o professor a desenvolver atividades mais envolventes, que tornem o aluno responsável pelo seu aprendizado, bem como mostrando ao discente que o uso da tecnologia pode ser direcionado para atividades produtivas e educativas.

Trabalhar com a observação da paisagem através do uso da fotografia para identificar as formas de relevo se mostrou uma metodologia capaz de despertar o interesse do aluno por seu ambiente, levando-o a descobrir formas de relevo que, a princípio, escapavam da sua percepção, e aprimorar o olhar, a sensibilidade e a aplicação técnica do que se estudou em sala.

O uso da fotografia se mostrou um eficiente desencadeador da memória dos lugares entre os alunos, fomentando as discussões e despertando lembranças. Esse processo estimulou as discussões, trazendo elementos novos para a sala de aula, alguns deles baseados na experiência pessoal dos discentes.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO FILHO, Fadel David; DEZAN, Maria Dalva de Souza. A fotografia como instrumental no ensino de geografia: Uma proposta de material pedagógico para uso em sala de aula. In: CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2., 2014, Águas de Lindoia. *Anais eletrônico...* Águas de Lindoia: UNESP, 2014. p. 1-10. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141651>>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1999.
- FANHANI, Ivone de Oliveira Moura; SABADIN, Marlene Neri. Celular: um desafio pedagógico em sala de aula. In: *Cadernos PDE*. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE (Artigos). Paraná, v.1, 2014.
- HOFSTATTER, Lakshmi Juliane Vallim; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Olhares perceptivos: usos e sentidos da fotografia na educação ambiental. *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 10, n. 2, p. 91-108, 2015.
- IARED, Valéria Ghislotti; TULLIO, Ariane DI; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Impressões de educadoras/es ambientais em relação a visitas guiadas em um zoológico. *REMEA*, Rio Grande. v. 28, p. 258-273. Jan./Jun. 2012.
- NOGUEIRA, Joseane Rezende de Araújo. et al. O uso da fotografia como estratégia para o ensino de ciências sociais nas séries iniciais. In: SEMANA UNIVERSITÁRIA, 11, 2016, Mineiros. *Anais...* Mineiros: Unifimes, 2016. p. 1-6. Disponível em <https://www.unifimes.edu.br/admin/siterapido/uploads/semana/xi_semana/humanas/O%20USO%20DA%20FOTOGRAFIA%20COMO%20ESTRATEGIA%20PARA%20O%20ENSINO%20DE%20CIENCIAS%20SOCIAIS%20NAS%20SERIES%20INICIAIS.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- SANTAELLA, Lúcia.; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- SILVA, Itálio Fernandes Freitas. et al. A fotografia como recurso mediático no ensino de geografia: A paisagem urbana em múltiplos olhares e convergências In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 13., 2017, Belo Horizonte. *Anais eletrônico...* Belo Horizonte: UFMG, 2017. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/ensinodegeografia/index.php/ensinodegeografia/article/view/6>>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- VAL, Rosangela Maria Gonçalves. FERRAZ, Claudio Benito Oliveira. A linguagem imagética na escola e no ensino da geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA E ENSINO EM GEOGRAFIA, 10., 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 1-20.